

Leitura

Nº 77 Ano 2023

Pâmella Rochelle Rochanne Dias de Oliveira

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPPGL/UERN). Mestre em Ciências Sociais (PPGCISH/UERN). Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (UERN). Pesquisadora do Grupo de Estudos do Discurso da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (GEDUERN) e do Núcleo de Estudos de Gênero, Relações Étnico-Raciais, Aprendizagens e Saberes da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (NEGRAS/UEFRSA).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3315-659X>.

Francisco Vieira da Silva

Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Ciências da Linguagem aplicadas à Educação a Distância (CLEAD) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professor efetivo de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), da associação entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>.

Recebido em:
27/02/2023

Aceito em:
13/06/2023

MAI / AGO 2023
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 63-78

“Não tenho medo de falar a verdade”: a constituição da mulher negra a partir de relatos de si videográficos do canal Rayza Nicácio no *YouTube*¹

“I’m not afraid to speak the truth”: the constitution of black women based on videographic self-reports from the channel Rayza Nicácio on YouTube

Pâmella Rochelle Rochanne Dias de Oliveira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Francisco Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

Este trabalho busca discutir em que medida a(s) mulher(es) negra(s) constitui-se como sujeito ético a partir de um dizer de si videografado e compartilhado pelo *YouTube*, o qual tangencia tanto aspectos confessionais quanto parresíastas. Para tanto, toma como perspectiva teórico-metodológica os estudos discursivos foucaultianos. Nosso objetivo é estudar a constituição da mulher negra observando a prática de relatar a si mesma frente as câmeras como uma das atuais técnicas de constituição ética do sujeito contemporâneo, o que se dá por meio da análise do vídeo “Abrindo meu coração sobre as últimas polêmicas” da *youtuber* Rayza Nicácio. A partir da análise, observamos que as videografias de si do sujeito mulher negra *youtuber* apresentam-se, por vezes, como prática de liberdade e estratégia de fuga que permitem a esse sujeito manter uma intensa relação consigo mesmo, desenvolvendo um domínio de si sobre si mesmo, mediado por dispositivos tecnológicos e pela relação com os outros - seus seguidores.

PALAVRAS-CHAVE

Estudos discursivos foucaultianos. Mulher Negra. YouTube. Videografias de si. Ética de si

ABSTRACT

This work seeks to discuss the extent to which black women constitute themselves as ethical subjects based on a self-saying videographed and

1 Este trabalho é fruto da tese de Doutorado em Letras

shared on YouTube, which touches on both confessional and parrhesiast aspects. To this end, it is affiliated with Foucauldian discourse studies, aiming to analyze how the practice of reporting oneself in front of the cameras presents itself as one of the current techniques of ethical constitution of the contemporary subject, which is crossed by relations of knowledge-power and real regimes. From the analysis, it is observed that the videographies of the self of the black woman youtuber are sometimes presented as a practice of freedom and against conduct that allow this subject to maintain an intense relationship with himself, developing an ethics of the self, mediated by technological devices and by the relationship with others - their followers.

KEYWORDS

Foucauldian discursive studies. Black Woman. YouTube. Self videographs. Ethics of self

1. Introdução

No universo dos *youtubers* e influenciadores digitais, observamos um crescente protagonismo da mulher negra que põe em evidência suas pautas ao passo em que desconstrói olhares hegemônicos da branquitude (BENTO, 2002), os quais perpetuaram representações estereotipadas do ser negra(o), invisibilizando, por vezes, as subjetividades desses sujeitos. São, pois, as novas formas de fazer-se ver por meio das audiovisualidades (MILANEZ, 2019) da rede, bem como as novas práticas de relatar a si frente às câmeras, por parte de uma youtuber negra, que nos interessa aqui.

Percebendo a esfera das mídias digitais e, mais especificamente, do *YouTube*, como parte dos novos regimes de visibilidade, por meio do qual somos continuamente impelidos a estar em evidência, relatando nossa intimidade para um oceano de olhares atentos espalhados pela rede, como bem assevera Sibilia (2008), propomo-nos a esquadrihar alguns discursos cujo foco é o sujeito mulher negra e a negritude. À vista disso, é válido destacar que por regime de visibilidade pensamos “[...] não tanto no que é visto, mas no que torna possível o que se vê. Dessas condições de visibilidade (DELEUZE, 1998) participam máquinas, práticas, regras, discursos que estão articulados a formações de saber e jogos de poder (FOUCAULT, 1983)” (BRUNO, 2013, p. 16).

Escolhemos nos debruçar sobre as mídias digitais, mais especificamente o *YouTube*, como instância em que rastreamos enunciações, enunciados e discursos, nos apossando em grande medida do pensamento de Gregolin (2018, *apud* OLIVEIRA; OLIVEIRA; NOGUEIRA, 2018), ao ponderar que a mídia talvez seja hoje o principal dispositivo de produção das subjetividades. Além disso, percebemos o *YouTube* como um espaço em que diferentes sujeitos e grupos sociais alcançam cada vez mais visibilidade, a qual se apresenta como uma marca patente de nosso tempo (GREGOLIN, 2015).

Os conteúdos produzidos e compartilhados nessa mídia digital, por vezes, perpassam o terreno das narrações autobiográficas e dos relatos de si (COSTA, 2009) em tom de confissão. Segundo Sibilia (2016), essas narrações integram as novas modalidades de escritas íntimas (ou éxtimas) que prosperam com notada força quase que em tempo real. Acreditamos, pois,

que o *YouTube*, por meio dos seus vlogs² e vídeos de caráter intimista, reconfigura e atualiza a prática da confissão, a qual é tida por Foucault (1988) como um dos procedimentos mais importantes no campo das tecnologias do eu, passando a ser no Ocidente “[...] uma das técnicas mais altamente valorizadas para a produção da verdade, tornando a nossa sociedade singularmente confessada” (FOUCAULT, 1988, p. 52).

As atuais confissões, tomadas aqui como videografias de si (COSTA, 2009), emersas nesse novo regime de visibilidade que é o *YouTube*, são agora direcionadas para um público interativo e cada vez maior, pois, de acordo com o relatório *Youtube Insights 2020*, a plataforma conta hoje com mais de dois bilhões de usuários mensais, sendo o segundo maior site da *internet*, atrás apenas do Google³, o que nos parece denotar seu impacto social e relevância por ser uma instância em que abundam práticas discursivas.

O olhar voltado para os relatos de si videográficos se dá por entendermos que estes apresentam-se como novos mecanismos de subjetivação, que se manifestam acentuadamente no âmbito do *YouTube*. A nosso ver, “[...] os modos de subjetivação são demarcados por dispositivos historicamente constituídos e, portanto, podem se desfazer, transformando-se, à medida que novas práticas de subjetivação se engendram” (CARDOSO, 2005, p. 7), o que se dá pelo fato de o próprio campo sócio-histórico ser descontínuo e mutável, permitindo o surgimento de novas e diferentes tecnologias de si ao longo dos tempos (FOUCAULT, 1985b).

Para tanto, tomamos como objeto de análise um vídeo publicado no canal de Rayza Nicácio, em 2019. A criadora do canal ficou conhecida como “a rainha das cacheadas”, por ser a primeira *youtuber* a ganhar notoriedade ao falar de cabelos crespos e cacheados. Foi a partir dessa vivência, principalmente por assumir seus cabelos crespos, que Rayza aponta ter passado por um processo de pertencimento étnico-racial, descobrindo-se como mulher negra de pele clara, o que gerou certas polêmicas e discussões (AUTORES, 2020). A *youtuber* não se afirma feminista e se apresenta como cristã, seu canal tem hoje mais de um milhão e setecentos mil inscritos e tem como foco assuntos relativos à moda, beleza, comportamento e estilo de vida. Objetivamos, a partir da análise discursiva desse vídeo, estudar a constituição da mulher negra observando a prática de relatar a si mesma frente às câmeras: uma das técnicas atuais de constituição ética do sujeito contemporâneo.

Para tanto, este artigo encontra-se constituído do seguinte modo: na seção a seguir, trazemos alguns apontamentos de Michel Foucault, principal ancoragem teórica e metodológica deste estudo; seguidamente, analisamos o vídeo publicado no canal de Rayza Nicácio e, por fim, temos as considerações finais.

2. Breves apontamentos foucaultianos

Foucault (2006; 2010a; 2011) debruça-se sobre os modos pelos quais os su-

2 São vídeos em que o conteúdo se dá em torno do cotidiano e das experiências de quem o produz.

3 Disponível em: <https://criadoresid.com/dados-do-youtube-2020/>. Acesso em: 01 jan. 2022.

jeitos constituem-se como seres éticos, a partir do que nomeou como *Cuidado de si* (FOUCAULT, 1985b). Este tema, atrelado aos estudos do filósofo acerca da governamentalidade, refere-se à condução do sujeito a si mesmo e tem suas raízes envoltas à problemática do poder, da resistência e da liberdade. Nesse sentido, é importante ressaltar que o poder, para Foucault (1998), não existe como substância ou instrumento palpável que determinado sujeito possui, muito menos se localiza apenas em instituições ou na figura do Estado, funciona, antes, como “uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras” (MACHADO, 1998). O poder é, então, considerado “[...] luta, afrontamento, relação de força, situação estratégica. Não é um lugar, que se ocupa, nem um objeto, que se possui. Ele se exerce, se disputa” (FOUCAULT, 1998, p. 175). A resistência, por sua vez, é inseparável das relações de poder, de modo que tanto as funda como, por vezes, delas resulta, apresentando-se como “a possibilidade de criar espaços de lutas e agenciar possibilidades de transformação em toda parte” (REVEL, 2005, p. 74).

Ao problematizar os processos de subjetivação que se dão mediante uma relação entre subjetividade e verdade, Foucault (2014b) explicita que o cuidado de si não está apartado do cuidado com os outros, pelo contrário, o sujeito que cuida de si, por vezes, incita o outro a fazer o mesmo via técnicas de si.

As técnicas de si são compreendidas por Foucault (2014b, p. 266) como aquelas “[...] que permitem aos indivíduos efetuar, sozinhos ou com ajuda dos outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, seus pensamentos e suas condutas, seu modo de ser”, enfim, “[...] transformar-se a fim de atingir certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade”. Como dito anteriormente, acreditamos que as videografias de si que emergem a partir do dispositivo do *YouTube* fazem parte das atuais técnicas de si, que nos parecem reatualizar, em certa medida, algumas das práticas de si apresentadas por Foucault (2014b), entre as quais destacamos a confissão e a *parresía*⁴.

A confissão apresenta-se como estratégia de poder de uma forma de governo que surge na igreja católica a partir da Idade Média e tem uma nova constituição a partir da Modernidade (FOUCAULT, 1988). A *parresía*, por sua vez, objeto das últimas análises de Foucault (2011), tem seu aparecimento atrelado ao da retórica, emergindo no cenário de surgimento da democracia na antiguidade greco-romana, derivada depois para a esfera da ética pessoal⁵. Ambas operam por meio da constituição de um dizer franco. No entanto, na confissão, o falar de si parte de um sujeito que se submete a uma relação de poder em que a verdade extraída tem por função guiar sua conduta por meio de um autoexame. Na *parresía*, o falar francamente de si relaciona-se ao cuidado de si e do outro, pois o *parresíasta*⁶ ocupa a

4 Na obra “A coragem da verdade”, Foucault (2011) evidencia que o estudo da *parresía* na cultura de si se dá como uma espécie de pré-história das práticas que se desenvolveram posteriormente, como a própria confissão. Ver mais na obra.

5 Importante pontuar que nos interessa aqui a *parresía* em sua perspectiva ética.

6 Foucault (2011) cita Sócrates e Diógenes como exemplos de filósofos *parresíastas* de destaque. Ver mais na obra.

posição de mestre que guia seus discípulos a olharem para si mesmos de outro modo, levando-os a tomar cuidados consigo; nesse sentido, o objetivo da prática *parresiástica* não era disciplinar, mas fomentar atitudes que levassem esses discípulos a ter domínio sobre si mesmos (FOUCAULT, 2011), constituindo uma subjetividade mais livre⁷.

Etimologicamente, a *parresía* consiste na atividade de dizer tudo (pân rêma, Parresiázesthai “dizer tudo”), indexada à verdade, ou seja, não ocultar nada da verdade (FOUCAULT, 2011). No entanto, para que haja a *parresía*, é preciso que no ato de falar francamente estejam implicados dois pontos: 1) o vínculo entre a verdade dita e o pensamento de quem disse; 2) o questionamento do vínculo existente entre os interlocutores. Este segundo ponto, nos termos de Foucault (2011, p. 12), “implica uma certa forma de coragem, coragem cuja forma mínima consiste em que o *parresiasta* se arrisque a desfazer, a deslindar essa relação com o outro que tornou possível seu discurso.”

Dito isso, observamos que entre a *parresía* e a confissão existem proximidades e descontinuidades e não uma simples ruptura, pois, como atesta Foucault (2014b, p. 269), a filosofia antiga e o ascetismo cristão se colocam “[...] sob o mesmo signo: o do cuidado de si. [...] Entre esses dois extremos [...] cuidar de si mesmo constitui tão somente um princípio, mas também uma prática constante.” Nesse sentido, observamos que, embora as videografias de si tenham um viés confessional, por vezes, o falar de si das *youtubers* negras também tangencia aspectos de um dizer *parresiasta*⁸.

3. Análise da videografia de si “Abrindo meu coração sobre as últimas polêmicas”

Tomamos a videografia de si intitulada “Abrindo meu coração sobre as últimas polêmicas”, publicada em agosto de 2019 no canal Rayza Nicácio. A audiovisualidade conta atualmente com mais de 480 mil visualizações e tem duração de dezenove minutos e quarenta e três segundos. O objetivo do relato é responder a uma série de polêmicas que envolvem os últimos vídeos publicados pelo canal e a própria identidade da *youtuber*, que passa a ser alvo de constantes questionamentos e ataques por parte do público que a segue.

Importante ressaltar que Rayza conquistou notoriedade por tratar em seus vídeos sobre cuidados com o cabelo crespo e cacheado, incentivando os seguidores a também passarem pelo processo de transição capilar; além disso, a *youtuber* expôs a relação conflituosa com o próprio cabelo e o processo pelo qual passou para aceitá-lo e amá-lo. É em meio a esse percurso que Rayza conta ter se descoberto uma mulher negra de pele clara (AUTO-

7 Em sua obra, Foucault (2011) apresenta os diferentes modos de manifestação da *parresía* na antiguidade greco-romana. Muchail (2011, p. 74), a partir de Foucault, chama atenção para as diferenças existentes entre a *parresía* socrática, que visa uma constituição ética voltada para o agir na vida política, e a *parresía* helenístico-romana, que não estava diretamente ligada à política. Ver mais nas obras.

8 Questão observada no percurso da pesquisa de doutorado.

RES, 2020).

O enunciado que constitui o título da videografia, “Abrindo meu coração...”, parece-nos corroborar um modo de constitui-se sujeito *youtuber*, que é o de falar de si, pôr-se em evidência visibilizando aspectos da própria intimidade, ou dito de outra forma, expor uma verdade de si por meio de um dizer franco, o qual evoca, por vezes, uma atitude *parresíasta*. Toda a videografia, tomada aqui como enunciado, dá-se em tom de confissão e desabafo por meio de um dizer de si franco que reafirma os posicionamentos do sujeito que enuncia, mesmo diante das críticas que vem recebendo.

O caráter intimista e pessoal da videografia também é marcado pelo enunciado verbo-visual, sobretudo, pela construção da imagem. As figuras 1, 2, 3 e 4 dão a ver que a audiovisualidade foi gravada no que parece ser um quarto de hotel, já que é possível observar perto da cama (no canto esquerdo) algumas malas abertas ao lado de uma bolsa. A cama, por sua vez, está desarrumada, o que transmite certa impressão da *youtuber* “estar à vontade” em exibir sua intimidade/bagunça aos seguidores. O vídeo inicia com uma imagem do quarto vazio (figura 1), logo em seguida Rayza chega bem maquiada, com o cabelo escovado e vestindo uma camiseta branca da Balmain⁹ (figura 1) – o que contrasta com o ambiente informal exibido -, e posiciona-se na poltrona que fica ao centro da tela.

Figura 1: Videografia de si “Abrindo meu coração sobre as últimas polêmicas” 01



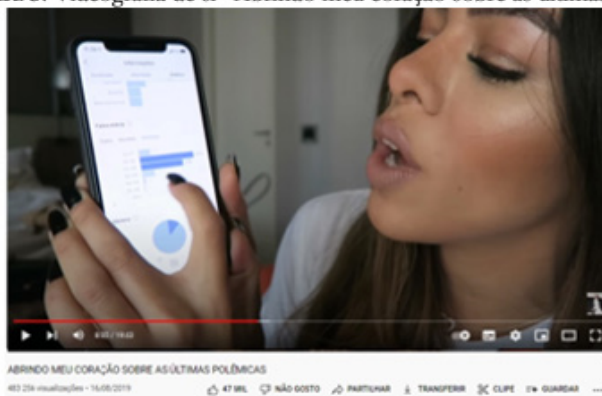
Fonte: Canal Rayza Nicácio (2019).

Figura 2: Videografia de si “Abrindo meu coração sobre as últimas polêmicas” 02



Fonte: Canal Rayza Nicácio (2019).

Figura 3: Videografia de si “Abrindo meu coração sobre as últimas...” 03



Fonte: Canal Rayza Nicácio (2019).

Figura 4: Videografia de si “Abrindo meu coração sobre as últimas polêmicas” 04



Fonte: Canal Rayza Nicácio (2019).

“A última vez que senti diante desta câmera pra gravar um vídeo como esse de hoje foi em 2017 quando me separei. Só que em uma relação e uma relação como a nossa, precisa de umas atualizações de vez em quando. E é por isso que eu tô aqui [...]” (TRECHO RETIRADO DO VÍDEO, 2019). Rayza inicia o vídeo afirmando que entre ela e seus seguidores existe uma relação de intimidade que necessita de atenção e cuidados para ser mantida, questão observada ao longo de toda a videografia. Essa relação posta entre o sujeito *youtuber* e seus seguidores pode ser pensada, de certa forma, como uma relação de amizade, sobretudo se tomarmos a amizade, conforme Foucault (2006; 2014b), como uma relação entre pessoas que se pauta num exercício de liberdade que, por sua vez, desenrola-se por uma fala franca¹⁰.

A questão da amizade tem lugar importante na prática da *parresía*, pois, como atesta Foucault (2011), para que se estabeleça uma relação entre aquele que profere a verdade e aqueles que a escutam – relação tida

10 Foucault (2006; 2014b) pensa a questão da amizade ao discutir sobre as características do cuidado de si nos períodos socrático-platônico e helenístico. Afirma que “no decorrer dos séculos que vieram após a Antiguidade, a amizade constitui uma relação social muito importante: uma relação social no interior da qual os indivíduos dispunham de certa liberdade, de certo tipo de escolha (limitada, é claro), e que lhe permitia viver relações afetivas muito intensas” (FOUCAULT, 2014b, p. 260).

Ortega (2011) e Fernandes (2011) são autores que tratam/analisa a questão da amizade em Foucault. Ver mais nas obras.

como pacto parresíastico¹¹ - é preciso que ela se ampare numa amizade. Desse modo, para que haja a *parresía* como prática de falar francamente a verdade, faz-se necessário que se estabeleça uma relação entre aquele que diz e aquele que se coloca a ouvir, pois é justamente esta relação que torna possível o discurso proferido. No caso da nossa materialidade de análise, o discurso do sujeito *youtuber* encontra sentido ao ser direcionado aos seguidores do canal que escolhem livremente segui-lo e manter uma relação próxima/íntima mediante a constante interação no espaço dos comentários. Tal relação é demarcada e reafirmada por Rayza ao longo do vídeo, especialmente ao fim do relato, quando atesta: “Eu quero dizer que eu amo vocês de todo meu coração, eu amo vocês de verdade. Eu oro por vocês. Vocês estão nas minhas orações. Eu falo assim: Senhor eu tenho um papel nessa geração, não é à toa que eu tô aqui...” (TRECHO RETIRADO DO VÍDEO, 2019).

O sujeito que enuncia não se identifica como feminista ou militante da causa negra, embora seu enunciado seja atravessado por discursos advindos desses campos de ativismo. Rayza fala de si de um lugar de *youtuber* negra cristã¹², o que fica marcado em alguns momentos da videografia, como no trecho citado anteriormente e na figura 22, em que visualizamos ela segurando a Bíblia para dar início a leitura de um trecho¹³, o qual usa como justificativa sobre o porquê dos ataques e julgamentos na *internet* não a atingirem. Vejamos nosso primeiro excerto.

EXCERTO 01 (00:40 – 01:46)

Quando as pessoas falam sobre mim, elas falam assim: “Você tem um poder de influência muito grande!”. E eu tenho absoluta consciência disso. Agora por que vocês acham que eu tenho poder de influência muito grande? É porque eu sou bonita? Será? Não tem gente muito mais bonita do que eu tentando fazer essa parada dá certo e não consegue? É por que eu sou clarinha? Será? Não tem muita menina branca tentando conseguir alguma relevância na internet e não consegue. [...] Além do plano espiritual sabe o que eu acho de verdade? Que eu não tenho medo. Não tenho medo de falar a verdade, não tenho medo de me expor. Não tenho medo da quantidade de comentários negativos que vou receber. Eu não costumo ter medo. Eu venho de uma fase muito amedrontada, talvez no ano passado, nos dois últimos anos... não sei exatamente, aos poucos, foi progressivo... (TRECHO RETIRADO DO VÍDEO, 2019).

No excerto 01, observamos que o sujeito parte de um falar de si que o

11 A ideia de pacto parresíastico se dá a partir do que Foucault (2011) nomeia de jogo parresíastico, em que o parresíasta e seu(s) interlocutor(es) se colocam livremente. Neste jogo, de um lado está aquele que assume o risco de dizer a verdade ainda que ela incomode e possa levar ao fim da relação estabelecida com o que ouve e, por consequência, ao fim da própria existência enquanto sujeito detentor da fala. Do outro lado, o que escuta corre o risco de não suportar o peso da verdade dita. Ver mais na aula de 1 de fevereiro de 1984 (primeira hora) em Foucault (2011).

12 E como dito na introdução, o foco do canal é tratar de questões relativas à estética, beleza, moda e estilo de vida.

13 Mateus 10, 24-25: “O aluno não ocupa uma posição mais elevada que a do professor, o empregado não ganha mais que o patrão, portanto deem por satisfeitos quando vocês, meus trabalhadores da colheita, receberem o mesmo tratamento que eu recebi. Se a mim, que sou o mestre, eles chamam de demônio das moscas, o que os criados podem esperar?”.

guia a um ato de autoexame e autoconhecimento, o que passa pelas questões de gênero e raça, marcadas no próprio questionamento acerca de onde vem seu poder de influência. Nesse enunciado podemos problematizar como, mediante um exame de si, Rayza exprime uma atitude *parresíasta* ao demarcar sua coragem de verdade, sobretudo quando atesta: “Não tenho medo da quantidade de comentários negativos que vou receber. Eu não costumo ter medo...”. Tal afirmativa a coloca na posição de “dizador corajoso de uma verdade” (FOUCAULT, p. 14, 2011) que arrisca perder seus seguidores e o próprio *status* de *youtuber*, uma vez que são os seguidores, ou melhor, a relação *youtuber*/seguidor que lhe concede a visibilidade que tem¹⁴. Rayza não só tem consciência do risco que corre ao expor determinada verdade sobre si, como, por outro lado, acredita que a atual visibilidade e alcance do canal estão atrelados ao fato de carregar um discurso verdadeiro sobre si mesma e suas vivências, ainda que isso não agrade todas as pessoas que a seguem. O excerto 02 nos permite problematizar mais a questão da fala franca.

EXCERTO 02 (01:48 – 03:19)

Eu tava me sentindo sufocada! Literalmente sufocada fazendo o que eu faço aqui, porque tem que ter cuidado com “isso” ... “Não fala de emagrecimento Rayza porque tem gente que tem transtornos alimentares, aí eu: é verdade, tem razão” ... “Não fala de Deus Rayza, não pode falar de Deus porque o seu público não é todo cristão! Ué, tem os ateus, então não fala desse jeito porque não tem como você falar por todo mundo”. Nunca deixei de falar de Deus né, é só um exemplo. Cara, “você não pode fazer uma escova no cabelo, você não pode gostar do seu cabelo liso. Você não pode tá afim de se sentir assim porque no final das contas você inspirou milhares e milhares de pessoas a assumir o cabelo cacheado”. Vocês acham que eu fiz isso como?! Sendo verdadeira! Sendo honesta! Sendo sincera com quem eu sou e como eu tô me sentindo diante do mundo e trazendo isso aqui pra vocês. Eu continuo amando meu cabelo cacheado e eu tenho o maior orgulho... A maior conquista da minha vida, mais do que a casa, mais do que o carro, mais do que eu tenho feito pela minha família, é ter alcançado a sua vida e ter feito alguma diferença na vida da maior parte das pessoas que me assiste aqui. Sabe por que? Elas se sentem confiantes. Eu não devolvi só a possibilidade do cabelo cacheado, eu devolvi a confiança a partir das minhas palavras, a partir do que eu acredito e é nisso que eu tenho que trabalhar, saca? Esse é o ponto. Se tem gente que precisa de mim com cabelo cacheado pra continuar usando o cabelo cacheado, tá errado! Por que o que eu quero, a minha influência na sua vida, mais do que você aceitar o seu cabelo, e claro que isso é honroso e glorioso, mas é você de frente pro teu espelho! Entende isso? (TRECHO RETIRADO DO VÍDEO, 2019).

A fala franca do sujeito que enuncia reconfigura em certa medida a prática da *parresía*, pois, ao dizer o que pensa de forma clara, não deixa nada a interpretar, pelo contrário, deixa algo para fazer, “[...] deixa àquele a quem ele se dirige a rude tarefa de ter a coragem de aceitar essa verdade, de reconhecê-la e dela fazer um princípio de conduta” (FOUCAULT, 2011, p.

14 O regime de visibilidade do *YouTube* passa pela questão do engajamento, ou seja, pela quantidade de inscritos/seguidores que determinado canal/*youtuber* tem (além do número de visualizações e interações por meio do *like/deslike* e dos comentários). Assim, quanto mais seguidores um(a) *youtuber* tem em seu canal, maior a visibilidade, o alcance, o sucesso, e, conseqüentemente, a monetização.

16). O que fica marcado especialmente no trecho “... a minha influencia na sua vida, mais do que você aceitar o seu cabelo, e claro que isso é honroso e glorioso, mas é você de frente pro teu espelho!” (TRECHO RETIRADO DO VÍDEO, 2019). Rayza usa o termo espelho como metáfora para a questão do encontro do sujeito com sua própria identidade, tarefa que delega aos seguidores, governando-os, o que fica marcado no decorrer do vídeo quando a *youtuber* conta que sonhou com várias pessoas perto de um espelho e quem olhava para ele não era tocado pelo mal. Rayza atesta que mais importante do que seguir uma determinada ordem discursiva socialmente imposta, para caber nas expectativas dos outros, (como evitar discutir certos temas) ou ainda, precisar se espelhar nas ações do outro (nesse caso, em vê-la com o cabelo cacheado para poder aceitar o próprio cabelo), o essencial é olhar para si mesmo, conhecer-se, aceitar-se e assumir-se.

A *youtuber* tem consciência do poder de influência que detém sobre os seguidores, no entanto, mais do que determinar como devem agir, disciplinando-os, opta por levá-los a conduzirem suas condutas, o que a nosso ver não deixa de ser um modo de governá-los. Em seus dizeres, Rayza reconfigura o papel do mestre parresiasta que, na antiguidade greco-romana, assumia a função de guiar seus discípulos a olharem para si mesmos de outra forma, levando-os a descobrirem quem são. Nesse sentido, o sujeito *youtuber* que se conhece, cuida-se, governa-se e, por isso, detém a coragem de dizer a verdade de si, coloca-se na posição de guiar os seguidores a manterem também um domínio sobre eles mesmos, constituindo uma subjetividade mais livre.

No excerto 02, ainda nos deparamos com uma narrativa de si que passa pela relação com o outro e se estabelece a partir do domínio de si, domínio “ao qual se chega não renunciando a realidade, mas adquirindo e assimilando sua verdade” (FOUCAULT, 2014b, p. 282).

A verdade de si da *youtuber*, que dirige suas próprias condutas e, portanto, constitui uma ética de si, passa pela relação mediatizada que estabelece com os seguidores, com o cabelo e consigo mesma. Rayza se contrapõe ao que querem que ela faça e diga, conduz a si mesma estabelecendo práticas de liberdade diante das relações de poder que tentam objetivar sua identidade de mulher negra. Isso fica marcado em seus dizeres e no ato de aparecer na videografia de cabelo liso (figuras 1, 2, 3, e 4), em contraponto ao trecho por ela destacado: “Você não pode fazer uma escova no cabelo, você não pode gostar do seu cabelo liso. Você não pode tá a fim de se sentir assim porque no final das contas você inspirou milhares e milhares de pessoas a assumir o cabelo cacheado” (TRECHO RETIRADO DO VÍDEO, 2019).

Rayza faz da estética uma estratégia de resistência aos discursos que tentam aprisionar sua subjetividade, ao escovar o cabelo realiza de forma consciente um ato de autogoverno e gestão de si. Pode-se frisar essa estratégia especialmente no trecho em que faz um paralelo com a influência que exerceu sobre outras pessoas a assumir o cabelo cacheado: “... Sendo sincera com quem eu sou e como eu tô me sentindo diante do mundo e trazendo isso aqui pra vocês. Eu continuo amando meu cabelo cacheado e eu tenho o maior orgulho...” (TRECHO RETIRADO DO VÍDEO, 2019). O ato de alisar o cabelo, para a *youtuber*, não significa negar quem ela é ou retroceder em seu processo de autoconhecimento e autoaceitação, pelo contrário, permite-a

vivenciar parte da multiplicidade que a constitui como sujeito. Esta posição assumida por Rayza, a nosso ver, também se filia aos atuais regimes de verdade do feminismo negro e da concepção de negritude como diversidade, os quais partem de um olhar interseccional que tenta dar conta da pluralidade que constitui os sujeitos negros. Para problematizarmos mais essas questões, tomemos o excerto 03.

EXCERTO 03 (04:13 – 05:10)

Eu preciso me encontrar com a minha identidade, que tava deixando perdida. Eu tava deixando aí com medo, com medo de perder fama, com medo de perder dinheiro, com medo de perder campanhas, talvez. O remar contra uma maré, mas sabe o que acontece? Quando eu assumi meu cabelo cacheado, quando eu comecei a gravar vídeo aqui, eu tava remando contra a maré também. Não era esperado, o que era esperando é que eu gostasse de alisar meu cabelo. Eu nunca deixei de ser vaidosa, nunca deixei de fazer maquiagem aqui, de falar pra vocês quais são as melhores roupas em quais investir a partir da minha ótica, minha opinião. Isso nunca aconteceu. O que era esperando de mim naquela época é que eu não deixasse meu cabelo natural e o que é esperando de mim hoje? Que eu deixasse o cabelo natural. E o que eu tô fazendo? Tô escovando o cabelo. Porque? Eu não sei! Eu tô com vontade! Eu tô me sentindo bonita desse jeito! E também me estabelece uma parada de que, cara, eu sou mais do que o meu cabelo! E você é mais do que o seu cabelo! Mais do que sua cor! Mais do que seu *status* social atual, mais do que seu estado civil, meu Deus! (TRECHO RETIRADO DO VÍDEO, 2019).

Ao destacar que deseja se encontrar com sua própria identidade, ignorada por muito tempo devido ao medo de perder fama e dinheiro, Rayza deixa ver que a extração de uma verdade de si no âmbito do *YouTube* manifesta-se em meio a relações de poder diversas, nas quais entrelaçam-se questões como o regime tecnológico, o regime de visibilidade e o regime neoliberal, que juntos incidem sobre o sujeito *youtuber* negra, que, por sua vez, subjetiva-se tentando encontrar modos de fuga às artimanhas do poder.

Observamos a partir do excerto 03 que o sujeito que enuncia vincula o encontro com sua identidade à relação que mantém com o próprio cabelo, o que nos permite problematizar como a questão do cabelo para as mulheres negras apresenta-se como importante marcador identitário de suas trajetórias. Se, por um lado, historicamente (desde a implantação das colônias) o cabelo crespo/cacheado foi desvalorizado e tomado como o mais visível estigma da negritude, classificado como “cabelo ruim”, fato que pressionou os sujeitos negros a alisá-los com produtos químicos desenvolvidos por indústrias europeias (KILOMBA, 2019); por outro lado, o cabelo crespo foi tomado como instrumento de consciência política entre os africanos(as) da diáspora e utilizado como símbolo de resistência pelos movimentos negros antirracistas em diversos países do mundo. Assim, ainda hoje os cabelos crespos, cacheados e penteados africanos “[...] transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial. Eles são políticos e moldam as posições de mulheres negras em relação a “raça”, gênero e beleza” (KILOMBA, 2019, p. 127).

O enunciado de Rayza expõe como a relação da *youtuber* com o cabelo é uma questão intrínseca ao seu processo de empoderamento e subjetiva-

ção, o que se dá subvertendo as ordens discursivas postas. A aceitação do cabelo natural aliado a um movimento de fortalecimento da autoestima foi a porta de entrada da influenciadora no *YouTube* em 2012, com 19 anos de idade - o que ela destaca no início do relato. Ao assumir o cabelo natural em uma época em que o padrão de beleza repousava sobre os cabelos lisos e pouco se falava a este respeito nos espaços midiáticos, Rayza se contrapõe à ordem discursiva posta: de que o bonito e usual era alisar o cabelo. A *youtuber* ganha notoriedade ao atrair um crescente público de pessoas negras e não negras com cabelos cacheados, que se identificam com sua trajetória e passam a seguir suas dicas acerca de como cuidar dos cabelos e como amá-los. Isso a torna pioneira no nicho¹⁵ da estética e lhe rende uma crescente visibilidade no *YouTube*, colocando a influenciadora em confronto com os discursos racistas que até hoje tentam invisibilizar e negar a beleza dos sujeitos negros, questão marcada no trecho “Quando eu assumi meu cabelo cacheado, quando eu comecei a gravar vídeo aqui, eu tava remando contra a maré também” (TRECHO RETIRADO DO VÍDEO, 2019).

Com o passar dos anos e com mudanças efetivadas no campo sócio-histórico-político, todo um discurso de aceitação e promoção da beleza negra e dos cabelos naturais, articulado a um sistema neoliberal que capitaliza as identidades étnico-raciais¹⁶, passa a ganhar cada vez mais destaque na sociedade, sobretudo no âmbito das mídias digitais, apresentando-se como uma nova ordem discursiva que vai sendo estabelecida. No entanto, é justamente neste momento em que aceitar o cabelo natural passa a ser normalizado que Rayza volta a escovar os cabelos de vez em quando como modo de exercer domínio sobre seu próprio corpo, libertando-se inclusive de possíveis amarras que categorias identitárias podem impor. Desse modo, Rayza contrapõe-se novamente à ordem discursiva dada, dessa vez resistindo tanto aos discursos racistas que determinam modos específicos de ser e existir para os sujeitos negros (primeiro negando seus traços, depois impondo uma padronização estética), como também se desprendendo de possíveis discursos identitários que concebiam a negritude e as mulheres negras de modo homogêneo.

A partir de uma perspectiva histórica, política, social e pessoal, observamos que o cabelo representa mais do que uma simples característica física de Rayza, imerso em relações de poder anteriores a *youtuber* e que se atualizam no tempo presente, representa a própria negritude da influenciadora (bem como a relação que ela desenvolve com essa negritude), o que fica marcado, sobretudo, ao final da videografia, quando Rayza expõe que passou a ter sua identidade étnico-racial questionada, sofrendo ataques direcionados “à Rayza branca”. Vejamos o excerto 04

EXCERTO 04 (15:00 – 16:10)

A questão é que não tem resposta simples pra essa parada. Sabe porquê? Eu acho

15 Em uma perspectiva econômica o termo faz referência a uma porção restrita do mercado que propicia novas oportunidades de negócios (DICIONÁRIO ONLINE). Ver mais em: <https://www.dicio.com.br/nicho/>.

16 Prolifera-se um mercado voltado para a beleza negra. Ver em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/beleza-negra-cosmeticos-expansao/>.

que se eu colocar uma enquete no meu Instagram - eu não vou fazer isso não, que eu não preciso provar nada pra ninguém! - , mas se eu colocar uma enquete no meu Instagram, acho que metade vai dizer que me considera negra e metade vai dizer que não. Por que tem duas vertentes da parada hoje em dia. A galera que fala: não, pardo não existe, colorismo, teoria do embranquecimento... E a galera que diz: não, pardo existe sim, inclusive você é uma. Cara, essa minha discussão sobre a minha cor, foi só depois do YouTube, só depois do YouTube. Essa discussão eu não tive na minha casa, não tive na minha vida. Minha mãe nunca me falou que eu era preta, minha mãe nunca me falou que eu era branca. [...] Não tem resposta simples e eu tô cansada dessa discussão. Eu não tô nem aí! Não é sobre se você é negra. Quando eu olho pra vocês nos encontrinhos a primeira coisa que olho não é a cor da sua pele cara, no máximo é seu cabelo pra ver se é crespo, se é cacheado, ou que finalização você tá usando... (TRECHO RETIRADO DO VÍDEO, 2019).

Ao voltar a escovar os cabelos, a *youtuber* é inserida em um processo de deslegitimação de sua negritude que deságua em ataques e ofensas *online*. Isso nos remete aos discursos racistas amparados em um projeto colonial que pretendia por meio da miscigenação diluir a negritude brasileira até seu desaparecimento, o que deu as bases para a teoria do embranquecimento e do colorismo, que, ao longo do tempo, propuseram-se a negar a identidade étnico-racial dos negros de pele clara, que é o caso de Rayza. No entanto, o campo discursivo da negritude, como perspectiva epistemológica e política, surge a partir de um embate travado com o campo do racismo, demarcando não só a autoestima dos sujeitos negros, mas também a existência de uma multiplicidade de fenótipos negros formada a partir de uma forte miscigenação com brancos e indígenas. Estas formações discursivas constituem o enunciado de Rayza, especialmente o excerto 04, que deixa ver a existência de um embate travado no interior das próprias formações discursivas, o qual se estende entre elas, por vezes, contrapondo-se ou convergindo.

Ao afirmar “Cara, essa minha discussão sobre a minha cor, foi só depois do *YouTube*...” (TRECHO RETIRADO DO VÍDEO, 2019), o sujeito que enuncia deixa ver como o dispositivo do *YouTube* incide sobre sua subjetividade, inquirindo-a a pensar, problematizar e visibilizar as questões de gênero e raça. O que se dá, em grande medida, devido aos questionamentos por parte dos seguidores.

Rayza se recusa a ser definida como sujeito apenas pelo seu cabelo e sua cor, o que destaca no excerto 04 quando diz “eu tô cansada dessa discussão. Eu não tô nem aí!” (TRECHO RETIRADO DO VÍDEO, 2019), e mais propriamente no excerto 03 ao afirmar “... eu sou mais do que o meu cabelo! E você é mais do que o seu cabelo! Mais do que sua cor!” (TRECHO RETIRADO DO VÍDEO, 2019). A *youtuber* resiste a sistemas de dominação racistas e machistas que tentam incidir sobre seu corpo de mulher negra, os quais ora inferiorizam o corpo negro em vista de levar os sujeitos a negá-lo, ora se filiam a um discurso de aceitação para a partir dele aprisionar estes sujeitos em identidades herméticas e estereotipadas. Isso nos permite observar a complexidade das relações de poder, que, por vezes, operam a partir de lutas no interior das próprias lutas.

Rayza coloca-se em um movimento de libertar-se do “‘duplo constrangimento’ político, que é a simultânea individualização e totalização própria às estruturas do poder moderno” (FOUCAULT, 1995, p. 239). Em seu enun-

ciado posiciona-se mediante uma recusa a este tipo de individualidade que vem sendo imposta aos sujeitos negros por vários séculos, a qual os separa em grupos antagônicos: 1) aqueles que são submetidos a um discurso racista buscam embranquecer-se por meio da negação de sua estética; e 2) aqueles que filiados a um discurso de empoderamento e afirmação da negritude usam a estética como símbolo político. Em ambos os casos, os sujeitos negros são colocados em relações de poder que incidem sobre seus corpos instituindo modos de ser e de existir. A *youtuber* parece procurar uma terceira via. Tomando cuidados consigo, decide guiar a si mesma, seu corpo e sua vida a partir de contracondutas, constituindo-se de um modo outro, o que não significa que ela escapa às relações de poder, mas que mantém nelas e com elas uma constante posição de resistência, desenvolvendo estratégias de fuga.

4. Considerações finais

O ato de falar de si, neste trabalho, assume contornos que nos levam a tomá-lo enquanto prática de liberdade, a qual, a partir de uma perspectiva foucaultiana, é tida por nós como um problema ético. Ética e liberdade apresentam-se assim como questões intrínsecas uma à outra, sendo a ética a forma refletida assumida pela liberdade, que, por sua vez, “é a condição ontológica” da própria ética (FOUCAULT, 2006c, p. 267). Observamos que falar francamente de si, tomando posse da própria narrativa, apresenta-se no caso das *youtubers* negras tanto como um modo de voltar-se para si, examinando-se, como também enquanto um exercício de autodescoberta e autotransformação. Práticas racionais de liberdade que constituem uma ética do cuidado de si.

A enunciação de verdades sobre si, midiaticizadas pelas videografias de si no âmbito do dispositivo do *YouTube*, parece-nos apresentar-se como uma atual tecnologia de subjetivação por meio da qual o sujeito estabelece um exercício de si sobre si, percebendo-se, avaliando-se e transformando-se. Nesse movimento, conforme Sibilia (2003, p. 05), os sujeitos passam a modelar a própria subjetividade “através de um mergulho introspectivo na hermenêutica incessante de si mesmo”.

Frente a tais apontamentos, pode-se chegar ao entendimento de que o sujeito mulher negra *youtuber* constitui-se como tal inserida numa teia de relações de poder e modos de governo, que, em vez de simplesmente normatizar e disciplinar, produzem saberes e modos de ser e agir sobre si mesma, fazendo das videografias de si na rede uma técnica atual de si.

Referências

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público.** (Tese) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser:** vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013.

CARDOSO, Hélio Rabelo Jr. **Para que serve uma subjetividade?** Foucault, Tempo e Corpo. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2005.

COSTA, Bruno César Simões. Práticas autobiográficas contemporâneas: as videografias de si. **Doc. On-line**. n. 6, p. 141-157, ago. de 2009.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II. Curso no collège de France (1983-1984). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros**: curso no Cullege de France (1982- 1983). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. 7. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, M. **Ética, Sexualidade, Política**. Coleção Ditos e Escritos V. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. 2. ed. Trad. de Eliza Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006c.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Org.). **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 13. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque, revisão técnica de José Augusto Albuquerque. Edições Graal: Rio de Janeiro, 1985.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Discursos e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na web. *In*: FLORES, G.; NECKEL, N.; GALLO, S. **Análise do discurso em rede**: cultura e mídia. Campinas, SP: Pontes, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro:

Graal, 1998.

MINALEZ, N. **Audiovisualidades**: elaborar com Foucault. Londrina; Guarapuava: Eduel; Unicentro, 2019.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução: Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.